

SUBÚRBIOS ILUSTRADOS: O MODERNO E A MODERNIDADE NOS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DAS REVISTAS ILUSTRADAS (1902-1922)


Illustrated suburbs: the modern and modernity in the suburbs of Rio de Janeiro through the illustrated magazines (1902-1922)

Vitor Guilherme Gonçalves Bispo de Almeida

Doutorando em História Social

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Social, São Gonçalo, Brasil
vitor.historia88@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2941-0284> 

A lista completa com informações do autor está no final do artigo 

RESUMO

Este artigo tem por objetivo expor o debate sobre o processo de produção do espaço suburbano durante a *belle époque* no Rio de Janeiro através de práticas socioespaciais descritas em textos, ilustrações e fotografias publicados em revistas ilustradas das duas primeiras décadas do século XX. Serão utilizadas revistas ilustradas como fontes principais, observando discursos e representações sobre os subúrbios e a população suburbana da época, assim como suas reivindicações e observações de colunistas dos periódicos. De forma prévia, sustenta-se o argumento da materialização dos discursos de modernização da época na forma de revistas ilustradas.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro. Modernidade. Belle époque. Subúrbios. Urbanização.

ABSTRACT

This article aims to expose the debate about the process of suburban space production during the *belle époque* in Rio de Janeiro through socio-spatial practices described in texts, illustrations and photographs published in illustrated magazines from the first two decades of the twentieth century. Illustrated magazines will be used as main sources, observing speeches and representations about the suburbs and the suburban people in that moment, as well as their claims and observations of columnists of the periodicals. Previously, the argument of the materialization of the modernization discourses of the time in the form of illustrated magazines is supported.

KEYWORDS: Rio de Janeiro. Modernity. Belle époque. Suburbs. Urbanization.

1 INTRODUÇÃO

O historiador é um filho de seu tempo. Inquieto com as questões que se desenrolam diante de seus olhos, a conjuntura lhe oferece oportunidades de traçar paralelos com o tempo já vivido, permitindo identificar semelhanças, rupturas e continuidades. E diante dos desafios da tecnologia proporcionados pelo advento do mundo digital em nossos dias como sendo uma realidade, mesmo construída por códigos virtuais e que funciona em aplicativos de celulares, é evidente que as fronteiras entre o real e o virtual são cada vez mais tênues. Daí se formam as curiosidades sobre aqueles que estão dispostos a adentrar pelas questões de períodos de grandes revoluções tecnológicas para observar seus impactos sobre o espaço e as práticas sociais que se criam sobre as novas lógicas que se impõem.

Tais avanços tecnológicos proporcionam a ampliação de redes não apenas no mundo virtual, mas também na realidade fora dos aparelhos celulares, promovendo a circularidade de ideias e fortalecimento de identidades ao permitir a rápida conexão entre promotores de diversos conteúdos que versam sobre as diversas realidades que se impõem sobre o espaço urbano das grandes cidades, como no caso do Rio de Janeiro. A construção de questionamentos sobre afirmações históricas em relação à capital fluminense, então, se torna ponto de convergência sobre os motivos que as imagens globais que temos da cidade chegaram até os dias atuais tendo a forma e o conteúdo que se propaga.

Lançar luzes sobre tais estruturas, com intuito de buscar respostas no passado, usando da desconstrução como uma das ferramentas essenciais para apontar as diversas variáveis que levaram à construção de uma dita verdade, é um dos principais movimentos que compete ao pesquisador da ciência histórica. E é desta forma que se faz importante atentarmos para a história do Rio de Janeiro das três primeiras décadas imediatas à Proclamação da República, enquanto tema que preenche o imaginário daqueles que buscam se aventurar nas análises históricas sobre o período.

As grandes transformações urbanas pelas quais passou a cidade é tema já fartamente estudado no campo da História. Enquanto capital da República, não poderia ser diferente, sendo o Rio de Janeiro caixa de ressonância política, cultural e social do Brasil desde tempos coloniais; é o principal terreno em que brotam as mais influentes decisões oficiais e ebulições populares que influenciam as realidades das demais localidades do país. Desta forma, cientes do fato de que as transformações urbanas trouxeram em conjunto mudanças de hábitos da população da cidade, em especial o surgimento de uma emergente burguesia que necessitava se impor nos espaços urbanos, compartilhamos da

afirmação de Stuart Hall (2003) ao se referir ao período entre 1880 e 1920 como um período de grande influência das revoluções materiais e imateriais ocorridas de forma acentuada em cidades europeias como Londres e Paris, e que acabaram sendo importadas para cidades das Américas, como no caso do Rio de Janeiro. Hall afirma ser este “um período que começa a se parecer com o nosso, que apresenta os mesmos tipos de problemas interpretativos, e que é informado pelas mesmas atitudes que temos em relação às questões contemporâneas” (Hall, 2003, p. 252).

Sob a ótica material, as transformações urbanas permitiam amplas análises e pesquisas sobre as imposições políticas de sucessivos governos que modelaram a cidade para torná-la menos colonial em sua arquitetura. Diante da perspectiva imaterial, repensar o corpo de pedra da então capital federal não poderia ser um ato isolado de moldar as mentes e almas de seus habitantes, que passariam a viver sob regência da modernidade da chamada *belle époque*.

Entre os gargalos que precisamos atravessar para nos situarmos no tempo e espaço os quais nos propomos analisar, é preciso entendermos alguns conceitos que norteiam o caminhar desse presente ensaio, composição que pretende se desdobrar em pesquisa mais aprofundada ao longo do período do doutorado¹. A começar pela percepção do próprio período, denominado *belle époque*, uma “bela época”, espaço de tempo cujos sobreviventes da Primeira Guerra Mundial sentiram saudades, por justamente entender como um período de avanços significativos pelo qual atravessou o mundo ocidental, guiado pelas principais capitais europeia do período estimado dentro do recorte dos anos 1870 e 1914. Jean-Yves Mérian (2012) mostra que a expressão resume uma “[...] sociedade contrastada onde uma pequena minoria desfrutava das benesses do progresso [e] a classe média conquistava lentamente um melhor nível de vida, principalmente nas cidades”. Como momento de ascensão de uma burguesia que aproveitava tais mudanças, o período pós-guerra viu a emergência do saudosismo, o qual Mérian afirma:

Para os sobreviventes, o período que anteceder a esta carnificina, a saudade de uma época de mais de quarenta anos de paz, de progresso científico, tecnológico, material, dissimulou em parte as duras realidades vividas pela maioria da população. Se elaborou progressivamente a ideia de uma “idade de ouro”, o mito de uma Belle Époque (Mérian, 2012, p. 135).

¹ A pesquisa citada se encontra em andamento no Programa de Pós-graduação em História Social do Território, da UERJ/FFP. O intuito do projeto é analisar a representação dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro através de caricaturas, ilustrações, textos e fotografias expostos nas revistas ilustradas entre os anos de 1902 e 1922.

Como perspectiva de uma “idade de ouro”, a *belle époque* significou, grosso modo, um período de revoluções nas técnicas e nas tecnologias, impulsionadas pela Segunda Revolução Industrial, cujo ponto nevrálgico era a Inglaterra, ao mesmo tempo em que surgiam descobertas científicas que impactaram diversos campos da vida social e cultural, em especial na Medicina, na Engenharia e na Arquitetura. Com isso, novos costumes, ideias e um movimento de ruptura com um passado ainda muito presente nas camadas populares ditaram os avanços do período.

É sob esse olhar que precisamos entender outro ponto importante, que é a questão que envolve a *modernidade*. Em seu termo, significa que dentro de um período de tempo foram implantados domínios, técnicas e tecnologias sobre o tecido social na busca de mudanças profundas; é o que chamamos de *modernização*, espaço em que agiam essas novas ordens. O *moderno*, conjunto que une ambos os preceitos em comunhão com o *modernismo*, suas expressões sociais e culturais que surgem no espaço como resultado dessa nova realidade, portanto, geria a construção dessa trama, atendendo às influências de uma burguesia industrial que se ampliava pelo mundo ocidental.

Devemos observar, nas palavras de Mônica Pimenta Velloso (2010), uma associação entre tempo e história no que diz respeito ao *moderno*, e logo nos deparamos com o primeiro confronto com sua natureza, que é “esquiva, ambígua e mutável”. Neste sentido, verifica-se que o *moderno* é “[...] ‘transitório por natureza’; é aquilo que existe no presente. O moderno do ano passado seguramente não é o moderno deste ano. [...] A cada época são criados novos valores, eventos e dominações” (Velloso, 2010, p. 11). Dessa forma, para entendermos o procedimento de nossas análises, a fim de verificar os padrões relativos aos impactos da *modernidade* no desenrolar da produção espacial e de suas práticas sociais no âmbito suburbano carioca, é importante percebermos o que Velloso alerta sobre a necessidade de ser observado o par antigo/moderno, já que o moderno necessita do antigo para se construir. É assim que o que se entende como *moderno*, em tempos de globalização, “[...] tornou-se parâmetro de referências, moldando pensamentos e juízos de valores sobre arte e ciência, vida política, social e econômica” (Velloso, 2010, p. 11). Neste contexto, “[...] quem conduz o par é o moderno, [cabendo] aos indivíduos, às sociedades e às épocas o trabalho de defini-lo perante o passado” (Velloso, 2010, p. 11-12).

Entendermos o *moderno* enquanto o condutor dos caminhos que guiam as transformações que conduzem o diálogo com a tradição, traz ao debate a afirmação de Marshall Berman (1986), que afirma:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. [...] No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se “modernização” (Berman, 1986, p. 15-16).

É desta forma que as diretrizes de transformações e impactos proporcionados pela *modernização* do espaço e dos costumes nos leva a observar o que permite a fluidez de uma nova cultura burguesa urbana e suas relações não apenas em sociedade, mas também com o espaço da cidade. É assim que nos referimos às transformações das *práticas socioespaciais* que passariam a ocupar o novo momento no cotidiano carioca. Marcelo Lopes de Souza (2013) afirma que “[...] qualquer transformação social relevante, independente de seu conteúdo ético-político, é impensável à revelia do espaço [...]; em nenhuma circunstância é razoável pensar as relações sociais sem pensar, junto, o espaço” (Souza, 2013, p. 237). Da mesma forma, o geógrafo nos mostra que todas as práticas especiais são sociais: “Práticas espaciais são práticas sociais em que a espacialidade [...] é um componente nítido e destacado da *forma de organização*, do *meio de expressão* e/ou dos *objetivos a serem alcançados*” (Souza, 2013, p. 241, grifo próprio). Portanto, entendemos que não há transformação espacial sem impacto nas práticas sociais, nem que tais ações não dialoguem com o espaço ao qual estão submetidas.

Colocados em evidência os principais conceitos utilizados neste breve ensaio, passemos ao desenrolar das análises que permitirão o aprofundamento de nosso caminhar na pesquisa proposta, tendo a oportunidade de articular não apenas conceitos junto às fontes, mas também dar luz a algumas ideias surgidas nos questionamentos promovidos pelas reflexões acerca de estudos prévios e no observar das páginas das revistas ilustradas.

2 REVISTAS ILUSTRADAS COMO VITRINE DO SEU TEMPO

É importante levarmos em consideração o papel da revista como fonte nesse processo de análise. Tais publicações expressavam a velocidade das transformações que o momento pretendia impor, o que Evelyn Morgan Monteiro (2008) destaca quando aponta para o termo “passar em revista”. Sendo assim, a revista, tendo “[...] sua linguagem ágil e em movimento [...]”, condensando “[...] o aspecto veloz, ágil, de fácil acesso, de bem de consumo, que se contrapõe à cultura livresca de outrora, que já não era capaz de dar conta desse mundo de transformações técnicas”, é o “[...] espelho do seu tempo [...]” (Monteiro,

2008). Tais publicações buscavam “[...] dar conta de um mundo em mutação, de uma sociedade que vivia a fluidez da modernidade através das reformas na cidade, dos avanços tecnológicos e das mudanças políticas” (Monteiro, 2008, p. 20). Sendo assim, seus registros vão além do texto, diferenciando-as dos jornais, já que seus elementos extratextuais (“cada vinheta, reclame, anúncio, capa ilustração ou charge”) nos permitem “[...] perceber o perfil de seus leitores, seus anunciantes [e], portanto, daqueles que financiam o periódico e a proposta de seus publicitários. (Monteiro, 2008, p. 20-21).

Em termos de comparação com o que acontecia até mesmo em países vizinhos no mesmo período, temos o exemplo da cidade de Bahía Blanca, na Argentina, a qual Maria de las Nieves Agesta (2019) traça a importância das revistas ilustradas como parte de um projeto modernizador cujas “[...] instituições educativas e os meios periodísticos confluíram em um objetivo comum”. Para Agesta, “[...] as revistas ilustradas, com sua atrativa materialidade e sua sedutora visualidade, emergiram então como produtos urbanos modernos no cruzamento de uma cultura escrita e uma cultura visual em pleno desenvolvimento”, cultura esta que “[...] constituíram um processo integral no qual convergiram as trocas materiais, culturais e sociais para conquistar uma rápida incorporação ao projeto civilizatório moderno que, orientado por uma concepção de progresso, encontrava seu modelo na Europa industrial” (Agesta, 2019, p. 22).

Desta forma, com uma ampla variedade de informações e comunicados, as revistas dinamizaram diferentes elementos que poderiam ser apreciados pelo público. Sua circularidade se destacou pelo seu baixo custo e pelos assuntos integrados com a realidade. Traduziam em sua produção não apenas as publicações em si, mas emergiam como produtos das diversas técnicas e tecnologias empregadas para sua confecção, que passavam pela fotografia, pela parte gráfica, pelo material do produto, as artes estampadas nas páginas etc. É o que mostra Ana Luiza Martins (2003), quando chama atenção para tais fontes serem “armadilhas documentais”:

Todos os seus componentes, aparentemente corriqueiros – formato, papel, letra, ilustração, tiragem – sugerem indagações que pronunciam a carga de historicidade presente [nas revistas] (...) Em geral matizavam a realidade, veiculando imagens conciliadoras de diferenças, atenuando contradições, destilando padrões de comportamento, conformando o público leitor às demandas convenientes à maior circulação e ao consumo daquele

impresso. Ou seja: expressavam o comprometimento apriorístico com aquilo que o leitor queria ler e “ouvir” (Martins, 2003, p. 60-61).

Uma das expressões desse período é a ampliação do número de leitores; a imprensa surge como um dos aspectos desses novos tempos. As revistas, como instrumentos que carregam em seus próprios nomes a dinâmica de um tempo que transita em velocidade de transformações aceleradas, traduzem a circularidade desses novos tipos de realidades e posicionamentos em uma sociedade em transição. De acordo com Gabriela Pontin Novaes (2010), em sua pesquisa sobre a *belle époque* em Piracicaba, interior de São Paulo, “As representações da cidade visaram legitimar a ordem urbana através da imprensa. [...] A imprensa, baseada no realismo, visava, portanto, ser objetiva e despojada” (Novaes, 2010, p. 49). Desta maneira, entendemos que as revistas ilustradas tinham, entre seus objetivos implícitos e explícitos, o objetivo de tornar familiar um mundo que se transformava rapidamente, passando as novas realidades “em revista”.

Como vitrines de um tempo em constante mudança, cujas demandas requeriam velocidade e agilidade nas informações e nas relações entre tempo e espaço, costuramos nossas percepções a respeito das representações que são expressas nas revistas, uma vez que, como é dito por Stuart Hall (2016), a representação “é a conexão entre conceitos e linguagem que permite nos referirmos ao mundo ‘real’ dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios”. Ao que chama de *sistema de representação*, Hall apresenta dois processos que organizam as análises: mentais e de linguagem. O primeiro consiste no *mapa conceitual* que carregamos em nossos pensamentos, o que nos permite nos referenciar dentro e fora de nossa mente. Tais conceitos individuais possuem, para nós, diferentes maneiras de organização dentro de sistemas classificatórios, o que minimamente nos permite interagir com as mesmas pessoas e grupos que compartilham nossa cultura; o segundo permite a construção de significados para a cultura através dos *signos*, mediante o uso da linguagem (“qualquer som, palavra, imagem ou objeto que funcionem como signos, que sejam capazes de carregar e expressar sentido e que estejam organizados com outros em um sistema” [Hall, 2016]). É desta forma que a linguagem “[...] se apresenta como o segundo sistema

de representação envolvido no processo global de construção de sentido”, possibilitando traduzir nossos conceitos em imagens, sons, palavras, nos permitindo “expressar sentido e comunicar pensamentos a outras pessoas” (Hall, 2016). Portanto,

No cerne do processo de significação na cultura surgem, então, dois “sistemas de representação” relacionados. O primeiro nos permite dar sentido ao mundo por meio da construção de um conjunto de correspondências, ou de uma cadeia de equivalências, entre as coisas – pessoas, objetos, acontecimentos, ideias abstratas etc. – e o nosso sistema de conceitos, os nossos mapas conceituais. O segundo depende da construção de um conjunto de correspondências entre esse nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, dispostos ou organizados em diversas linguagens, que indicam ou representam aqueles conceitos. A relação entre “coisas”, conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção de linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chamamos de “representação” (Hall, 2016, p. 34-38).

As formas de representação através das práticas socioespaciais impressas em revistas ilustradas e que circulavam na cidade ao levantar as transformações sociais urbanas pelos quais passavam a então capital federal, traz um viés a ser incorporado na escrita da História do Rio de Janeiro. Como fontes de difusão de um novo modo de vida, resultado de avanços técnicos e tecnológicos e propaganda de novos hábitos, podemos caracterizar as revistas como a materialização de um discurso da modernidade, ao que percebemos o discurso a partir da afirmação de Michel Foucault (1999):

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1999, p. 8-9).

As revistas ilustradas surgidas na Primeira República possuem seus procedimentos, seleções, organização e meios de redistribuir os pleitos da modernidade através de suas seções, propagandas, textos, imagens e demais elementos que a compõem. Sua importância para a historiografia cultural urbana do Rio de Janeiro é fundamental para desvendarmos a circulação das ideias e posicionamentos frente às transformações pelas quais passava a cidade durante o período, tanto no campo material, quanto imaterial. Trabalhos como o de Mônica Pimenta Velloso (1996) e suas análises sobre a mobilização de caricaturistas e literatos, por exemplo, mostra que esses “turunas e quixotes” buscam se posicionar através também de páginas de revistas diante deste novo momento do Rio de Janeiro². Sendo assim, diante destas observações sobre o uso das revistas como fontes,

² Ver: Velloso (1996).

nos preparamos para seguir adiante nas análises das fontes selecionadas para compor o presente trabalho. É importante deixar claro que ao longo da pesquisa, a qual este presente artigo faz parte, serão aprofundados não apenas os conceitos expostos nesta primeira parte, como também serão expostas outras questões relativas ao tema. Logo, o que temos aqui é um ensaio acerca do que será desenvolvido de forma mais detalhada com o avançar das análises pertinentes à pesquisa.

3 SUBÚRBIOS EM REVISTA: UM ESPAÇO EM CONSTRUÇÃO NA MODERNIDADE

Na coluna “Sciencia Fácil – correspondência do Dr. Sabetudo” da revista *O Tico-Tico*, de 27 de janeiro de 1909, a dúvida da menina Maria Rita Monteiro da Silva sobre o que significa “subúrbios” é sanada em uma breve afirmação: “Subúrbios são as vilas que ficam nos arredores da cidade”³. Alguns anos depois, em 1916, a mesma coluna explica:

Bairro é qualquer subdivisão da cidade, como freguesia, paróquia ou distrito. Arrabalde ou subúrbios são nomes que se dão aos bairros que ficam nos arredores da cidade. Aqui no Rio de Janeiro faz-se distinção que é exclusivamente de hábito nosso. Essa distinção consiste em reservar o nome de *subúrbio* aos arrabaldes servidos pelas estradas de ferro. Mas, de fato, subúrbio e arrabalde têm a mesma significação. A palavra arrabalde vem de “arredores”; subúrbio significa *sub-urbs*, cidade secundária ou parte menos importante de uma cidade. A palavra *urbs* significa cidade. Daí se formam as palavras *urbano* (aplicada ao que diz respeito à cidade), *urbanidade* maneira polída, peculiar à gente das cidades, geralmente mais educada do que a dos campos)⁴ (grifos da revista).

As observações dadas no semanário infantil nos colocam em contato com vestígios das observações centrais que pretendemos dar ao objeto: identificar nas revistas ilustradas como os subúrbios do Rio de Janeiro eram representados no período. Como dito na seção anterior, as revistas eram importantes indicadores de circulação de novos costumes e parâmetros culturais em uma sociedade em constante transformação. É oportuno, portanto, verificarmos através de suas explanações como essas áreas da cidade eram moldadas e práticas modernas se davam nelas.

Os dados do período não nos desamparam quando trazemos constatações à cena para perceber que a cidade mudava em um ritmo acelerado e sua população se dirigia aos subúrbios. Em termos demográficos, estamos falando de uma população suburbana que,

³ *O Tico-Tico*, 27 de janeiro de 1909, p. 7.

⁴ *O Tico-Tico*, 29 de março de 1916, p. 24.

segundo o censo de 1906⁵, representava 22,9% da população total da cidade, sendo 185.687 habitantes suburbanos de um total de 811.443 habitantes da cidade. Em termos comparativos, ao levantarmos o censo de 1912, podemos verificar que, neste ano, a população suburbana carioca é de 223.059 habitantes, representando 22,85% do total de 975.818 habitantes da cidade, mantendo-se estável em relação ao crescimento demográfico municipal, mas crescendo em si cerca de 20%⁶.

A capital chega ao ano de 1920 com 1.157.873 habitantes, segundo o censo demográfico⁷. Entre 1906 e 1920, esse número representou um salto de 42,7% em sua população total, enquanto as zonas suburbanas – que no censo de 1920 eram formadas pelas freguesias de Inhaúma, Irajá, Guaratiba, Santa Cruz, Campo Grande e Ilhas (do Governador e Paquetá) – somavam 380.160 habitantes. Tais dados mostram que nestes catorze anos que separam as duas pesquisas censitárias, os subúrbios cariocas eram residências de quase 33% da população da cidade e sua população cresceu em 104%.

Mesmo que a afirmação do Dr. Sabetudo tenha destacado que os subúrbios seriam uma “cidade secundária” ou “uma parte menos importante de uma cidade”, em 1908, anos antes da afirmação feita na revista infantil, verificamos D. Picolino, cronista da revista *Fon Fon*, exclamando: “*Le suburbe s’éveille!*”. Traduzido para o português, a expressão “o subúrbio acorda!” dá a ideia da chegada de novas práticas ao local e uma resposta do espaço suburbano às transformações orquestradas pela modernização que varria a cidade. O artigo intitulado “Subúrbios *Smarts*”⁸ carrega em sua descrição um exemplo de como as influências das transformações urbanas e sociais chegavam aos subúrbios da capital. Começando pelo título, ao adjetivar os subúrbios daquele momento como *smarts*, nos levam a desdobrar uma prática que se instalava na cidade. O *smartismo*, segundo Rosane Feijão (2009), “[...] não era exclusividade do sexo masculino, embora na maior parte das vezes fosse aplicado ao comportamento e à aparência dos cavalheiros que davam atenção especial à moda”. Ser *smart* carregava um conjunto de representações que estavam alinhadas, portanto, às novas tendências que se estabeleciam no cotidiano do Rio de Janeiro no início do século XX. Não estavam apenas relacionadas ao indivíduo, mas se referiam à “um grupo de pessoas” e também o uso de expressões, “[...] geralmente estrangeiras, eram consideradas *smarts*, assim como certos ambientes – five-o-clock teas,

⁵ Recenseamento do Distrito Federal (1906).

⁶ População da cidade do Rio de Janeiro (Distrito Federal) de 1906 a 1912.

⁷ Recenseamento de 1920.

⁸ *Fon Fon*, ano II, nº 9, 6 de junho de 1908, p. 14.

garden-parties – onde os hábitos da burguesia europeia, considerada civilizada e moderna, eram cultivados e cultuados” (Feijão, 2009, p. 3).

O artigo destacado aponta para uma mudança de localidade dos clubes e cassinos das regiões mais afamadas em direção aos subúrbios. Ele afirma que: “Pelo que leio, a vida, a animação, o *souci de smartismo*⁹ está se transportando para os subúrbios”. Ao carregar a frase com os termos relativos à “vida” e a “animação”, traz os significados expressos na linguagem de que a movimentação das práticas socioespaciais de uma distinta classe social estavam adentrando os subúrbios. O texto em si traz diversas expressões *smarts* para falar dos espaços que perdiam lugar na preferência dessa sociedade que desfrutava desses locais para o lazer.

Ao serem noticiadas pelo articulista, o encerramento das atividades do Colomy Club foi descrito como “um espanto!”; sobre o Club dos Diários, destacou-se ser um “club chic por excelência, o *rendez vous*¹⁰ da sociedade mais *hupée*¹¹, o maravilhoso club, cujas festas eram um deslumbramento!”; ao citar o Cassino Fluminense, “com seu suntuoso salão de baile e suas dependências” e que foi “comprado pelo Governo... para instalar a Ministério da Agricultura”, o autor do artigo nos dita:

Realmente, o local presta-se, já pelas suas dimensões, já pelos seus antecedentes, pois tal ministério ficará muito bem onde brilharam *les grosses légumes* de nossa roda financeira. E é assim que tudo evolui para... pior. Os futuros candidatos a empregos na nova secretaria verão a estátua da *Lavoura*...sem braços, no mesmo amplo salão onde se admirava os torneados braços e as nêvas espáduas das nossas representantes da *high life*.

Chama atenção do articulista como o bairro do Méier se tornou um ponto de junção dessa nova vida moderna, quando mostra que “o Méier agita-se de um modo espantoso”, contando a localidade com práticas sociais e culturais que antes não aconteciam no local e passam a tomar conta da realidade: “Corso, concurso de beleza, bailes, tem havido de tudo e com geral aceitação. [...] E está o Méier, o sossegado e modesto recanto à beira da Central plantado, devorado da ambição do luxo e da vida ruidosa”. Tal movimentação mudou os hábitos até mesmo de Xavier Pinheiro, jornalista local, dono criado de *O Subúrbio*, cujo comentário de Picolino aponta que “[...] o Xavier Pinheiro, a alma dos

⁹ “Preocupação de *smartismo*” em tradução livre.

¹⁰ A expressão significa “local de encontro” em tradução e interpretação livre.

¹¹ “Com crista” em tradução livre, o que nos remete a uma “sociedade distinta”, “destacada”.

subúrbios, o redator-chefe do *Subúrbio*, está se tornando o Figueiredo Pimentel daqueles lados. Criou o *Binóculo*, já foi visto ensaiando-se para usar o monóculo, mandou fazer um *smocking*, e está *assuburbiado* de preocupações elegantes”.

No ano anterior, a mesma revista já fazia suas comparações entre os subúrbios e outros lugares que eram vistos como específicos da alta sociedade. Em 1907, na edição de 27 de julho, a revista trazia um artigo intitulado “Subúrbio”, no qual comparava com Botafogo bairros suburbanos que “já têm o seu jornal”. E diz:

Decididamente, aquelas regiões precisam ser descobertas. De onde em onde, um fato qualquer vem evidenciar a vida intensa que há por lá. Ainda há pouco não fomos surpreendidos com a notícia de um *wagon* de trem suburbano em que não se podia fumar? Era uma novidade, mais que isso – um paradoxo, pois que nos paquetes, nos grandes palácios, o que há são lugares destinados a se fumar. Entretanto, o subúrbio faz o contrário, isto é, um lugar para não se fumar. (...) Com jornal, incêndios, carros para damas delicadas, não é de admirar que amanhã tenham os subúrbios também a sua praia de Botafogo, com *gentlemen*, *snoobs*, *smarts* (...) ¹².

Ambos os textos da revista *Fon Fon* destacam elementos de práticas socioespaciais da modernidade que se expandiam da cidade rumo aos subúrbios. Por exemplo, quando se equipara Xavier Pinheiro a Figueiredo Pimentel, um importante romancista e jornalista, eleva o patamar do primeiro nome próximo ao de outro já com certo status junto à sociedade. Haja vista que Xavier Pinheiro criou, como mostra o texto, uma coluna – o “Binóculo” – para contar sobre as novidades de uma sociedade burguesa emergente também nos subúrbios. E ainda quando se faz um paralelo entre os subúrbios e Botafogo, este sendo um exemplo por onde transita a parcela *smart* da população carioca.

Os trejeitos também adentram os subúrbios nos detalhes, como naquele descrito pela revista *Careta* em relação à descrição do caráter pessoal na medida em que o homem segura o charuto. Em uma listagem que enumera seis modos de segurar um charuto, indicando uma leitura de personalidade ao portador do fumo, no quinto ponto descreve:

Timidez e incontentabilidade indicam a mão n. 5. É minucioso no traje; nada o satisfaz completamente e em toda a parte o preocupa onde deve sacudir a cinza do charuto, operação que ele faz com o dedo mínimo. Palestra pouco e vulgar. As senhoras o apreciam. Próprio para brilhar nos subúrbios ¹³

Mesmo com os indicativos de uma emergente burguesia que se estabelecia nos subúrbios, verificamos o quanto o espaço ainda passava por uma transição em seu perfil. Com deficiências ainda estruturais, na revista *O Malho*, de 11 de junho de 1910 ¹⁴, uma

¹² *Fon Fon*, 27 de janeiro de 1907, p. 4.

¹³ *Careta*, 25 de junho de 1910, p. 26.

¹⁴ *O Malho*, 11 de junho de 1910, p. 43.

ilustração nos chama atenção: um diálogo entre um homem sob a janela de uma moça apresenta a chegada do progresso nos subúrbios a partir dos melhoramentos que se observavam no local. Entre eles, a energia elétrica é motivo de uma crítica humorada sobre a aparente demora da chegada do serviço na localidade:

Ele: – Sabes, querida? Vão melhorar muito o nosso bairro... Vamos ter calçamentos, jardins, luz elétrica...

Ela: – Luz, também? Que pena! Eu amo tanto a penumbra... Se não fosse ela, que seria do nosso idílio?

Ele: – Sim, mas o progresso...

Ela: – Ora! Podia ficar para depois que nos casássemos...

Os subúrbios, sendo uma cidade de segunda categoria, como já foi visto na observação do período, nos leva à percepção de ser um espaço em transição. Discutir o que se entende por subúrbio sob a ótica do tempo presente requer um amplo debate bibliográfico atravessado por uma interdisciplinaridade que envolve observações históricas, geográficas e sociológicas. Indicado nas fontes, vimos que as práticas *smarts* adentravam o espaço em vias de transformação, assim como indicam outros relatos do período sobre o qual podemos entender, por serem camadas de tempo no espaço, na medida das práticas que conviviam ali. É o caso do relato pinçado na revista *Careta*, de 17 de agosto de 1912, o qual Felisberta Madureira relata, em carta para a revista, algumas preocupações relativas à política. Entretanto, deixa para nós uma descrição de sua vida nos subúrbios da capital logo no início:

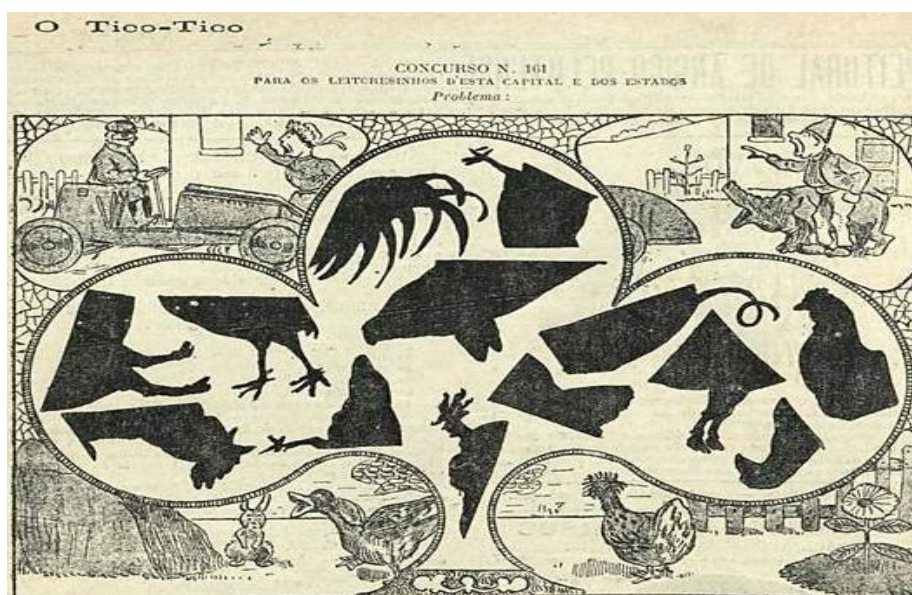
Há mais de 20 anos, mergulhada na merencória paz dos subúrbios, só perturbada de quando em quando pelos silvos das desastradas locomotivas do Dr. Frontin, crio minhas galinhas das velhas, das crioulas, das nacionais pois como boa patriota sou incapaz de permitir a entrada no meu quintal das raças estranhas que hoje fazem tanto furor e chegam atraindo para os donos as bençãos do céu e os favores do governo; faço doces e balas que mando vender às estações pelos meus moleques Anastácio e Pancrácio, dois diabos que não há dia que não deem desfalques nas contas e mais nada¹⁵.

Outro caso interessante de ser observado é uma atividade impressa na revista *O Tico-Tico*, edição de 10 de julho de 1907¹⁶. Na descrição do concurso 161 (Figura 1), podemos ler: “Passou um automóvel pelos subúrbios e matou alguns bichos que estavam pastando na rua. Cortou-os em uma porção de pedaços. Os nossos leitores hão de se dar o trabalho de juntar os pedaços para ver que bichos eram”.

¹⁵ *Careta*, 17 de agosto de 1912, p. 45.

¹⁶ *O Tico-Tico*, 10 de julho de 1907, p. 45.

Figura 1 – “Concurso n. 161 - Para os leitorezinhos desta cidade e dos estados”



Fonte: *O Tico-Tico*, 10 de julho de 1907, p. 45. Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.

A despeito da descrição trágica e um tanto quanto mórbida, observamos o automóvel como elemento da modernidade e que, sem atentar para o local em que decidiu transitar, atropelou alguns animais domésticos. Os subúrbios surgem na ilustração do concurso como um espaço ainda com uma vida rural, mais uma vez. E sobre a sua realidade *smart*, a revista *O Malho* não deixou de tecer sua costumeira crítica em relação às deficiências dos subúrbios, mesmo com o *smartismo* adentrando tal espaço. É o que vemos na ilustração sob título “*O traje não faz o monge*” (Figura 2), cujo subtítulo diz que “às festas que se realizam nos subúrbios não falta a nota *chic* dos bairros aristocráticos do Rio de Janeiro”: A descrição do diálogo segue:

Ele: – V. Ex. tem coragem de andar na moda, toda *smart*, por estes lugares solitários, cheios de cisco, buracos e água podre?

Ela: – É para ver se chamo a atenção do prefeito, mas nem assim...

O outro: – É a tal coisa: por fora muita farofa, por dentro mulambo só...¹⁷

¹⁷ *O Malho*, 24 de abril de 1909, p. 48.

Figura 2 – “O traje não faz o monge”



Fonte: *O Malho*, 24 de abril de 1909, p. 48. Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.

A imagem da “zona suburbana” com corpo de mulher, sob os padrões de beleza da época, com uma vestimenta que remete à uma classe social distinta e característica de uma emergente burguesia urbana do período e sem mostrar sua face, nos apresenta uma observação crítica sobre a produção do espaço suburbano: a exterioridade aparentava uma beleza, representada pelas feições corporais e vestimentas, mas toda essa exibição *chic* era para chamar atenção do prefeito ao que interessava, que eram os problemas de estrutura locais.

Por fim, é válido percebermos as chamadas para o “progresso” que se dava nos títulos das seções impressas das revistas. Diante das transições da cidade e, conseqüentemente, de seus subúrbios, vemos uma nota em *O Malho*¹⁸ sobre a escassez de trabalhadores nas lavouras suburbanas em detrimento de atividades culturais, como a criação da Escola de Dançarinas:

¹⁸ *O Malho*, 15 de fevereiro de 1913, p. 43.

Figura 3 – “A lavoura nos subúrbios”



Fonte: *O Malho*, 15 de fevereiro de 1913, p. 43. Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.

No avançar da década de 1910, o “progresso” e os “melhoramentos” apareceram em alguns informativos. Fica expressado na figura 3 que o pequeno produtor rural que então passava a ser prejudicado pela falta de trabalhadores para atividade, o que evidencia a transição das atividades rurais para a ampliação dos postos de atividades urbanas que chegavam aos subúrbios em decorrência da urbanização. A ironia, como ferramenta de expressar nas revistas a visão do mundo dos “intelectuais boêmios”, traz as críticas sobre o progresso como forma de anomalia e alienação (Velloso, 1996, p, 39). Notas como as da coluna “*Vida ultra chic*”, da revista *Fon Fon*, que, em 1919, descrevia as práticas diárias da população *chic* da cidade, e mostrava que “o sábado tornou-se literalmente burguês. É o dia da elegância dos subúrbios longínquos, de Cascadura para cima”¹⁹; ou como a chamada de *O Malho* para os “Melhoramentos Suburbanos”, na “inauguração do abastecimento d’água na estação Engenheiro Trindade – subúrbios do Rio de Janeiro”, mostrando “um aspecto popular da festa inaugural, em frente ao local em que se acham os chefes políticos da zona”²⁰ (Figura 4).

¹⁹ *Fon Fon*, 12 de julho de 1919, p. 30.

²⁰ *O Malho*, 27 de janeiro de 1917, p. 30.

Figura 4 – “Melhoramentos suburbanos”



Fonte: *O Malho*, 27 de janeiro de 1917, p. 30. Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.

Neste contexto de construção de um espaço urbano nos subúrbios, é que trazemos para os encaminhamentos uma propaganda de venda de terrenos publicada na revista *Fon Fon*. Em 22 de outubro de 1922, temos um anúncio sobre a “descoberta” dos subúrbios pela população como um local habitável:

A população do Rio compreendendo, afinal, que não é somente o centro da cidade sua parte habitável, procura já deslocar-se para os arrabaldes e subúrbios, muito mais saudáveis e amenos, às vezes, que o centro, estendendo assim as construções para bairros onde começam a avultar as lindas casas e belas ruas²¹.

Não seria apenas um anúncio que tornaria encerrada as investigações sobre o processo de produção espacial suburbano carioca da *belle époque*, mas o que foi aqui exposto nos oferece um indício de que ao menos partes das zonas suburbanas estariam sendo moldadas sob reflexos da modernidade que se impunha sobre a cidade. E, como vimos nos exemplos aqui citados, os costumes e *modernismos* foram adentrando um ambiente ainda marcado pelo seu passado rural, evidenciando nosso argumento inicial de que o moderno guia os passos do passado rumo aos seus desejos de moldar espaço e sociedade.

²¹ *Fon Fon*, 21 de outubro de 1922, p. 76.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos avanços dos preceitos de uma modernidade industrial, as cidades e o modo de vida urbano foram os principais meios pelo qual circularam e se cruzaram modos de vida que resultaram de uma emergente cultura burguesa industrial com forte influência dos principais centros econômicos europeus. Uma das consequências dessa influência é a ampliação do público leitor e apreciador de imagens, o que acarretou a consequente expansão de periódicos, entre eles as revistas ilustradas, surgidas como produtos culturais também dos avanços tecnológicos da imprensa e registros de imagem através da fotografia. Como dito por Maria de las Nieves Agesta, “a promoção da cultura escrita se voltava definitivamente como mecanismo e signo de modernização social e cultural” (2019, p. 51).

Como veículos não apenas de difusão da moda e modernidades que afluíam para a cidade do Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas do século XX, mas também de observação de práticas socioespaciais que podem ser identificadas nos textos e imagens que expõem expressões *smarts*, modos de se vestir, se comportar, de lazer e gestos, podemos observar as revistas ilustradas como discurso materializado no princípio de condução da tradição pela modernidade visto no início do texto, princípio esse que guia os rumos do tempo sobre o espaço. É neste sentido que podemos identificar nestas páginas revisteiras indicadores que permitem observar a expansão urbana que se dirigia aos subúrbios através da remodelação das práticas sociais, que deixaram áreas da cidade de conhecido convívio de uma emergente burguesia e passaram a ocorrer ou até mesmo surgir em bairros suburbanos ora vistos com potencial desenvolvimento espacial em consonância com a modernização em curso, ora como territórios de expressiva transição e destacados problemas estruturais e sociais. Isso nos remete ao convívio entre diferentes níveis sociais, culturais e econômicos e abre margem para aprofundarmos até mesmo mais um debate sobre a categoria subúrbio na cidade do Rio de Janeiro.

Com o passar dos anos dentro das duas primeiras décadas do século XX, podemos verificar nas fontes que por ora foram destacadas, através das coberturas destas revistas sobre acontecimentos que se davam nos distantes bairros suburbanos – inauguração de lojas, obras públicas, visitas de autoridades etc. –, ou até mesmo nas ilustrações críticas e humoradas, a emergência que ganha os subúrbios nas páginas e colunas não apenas dos jornais, mas também destes produtos propagandísticos da *belle époque* e das demais nuances da modernidade, que eram as revistas ilustradas.

REFERÊNCIAS

AGESTA, María de Las Nieves. El lector imaginado. Lecturas y lectores en la prensa ilustrada de Bahía Blanca (Argentina, 1902-1927). **Historelo. Revista de Historia Regional y Local**, [S.L.], v. 11, n. 22, p. 17-60, 1 jul. 2019. <http://dx.doi.org/10.15446/historelo.v11n22.73631>.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

FEIJÃO, Rosane. Smartismo: elegância masculina e modernidade no início do século XX no Rio de Janeiro. In: **XXXII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba, PR. 4 a 7 de setembro de 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio/Apicuri, 2016.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. **História**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 59-79, 2003.

MÉRIAN, Jean-Yves. A belle époque francesa e seus reflexos no Brasil. In: PINHEIRO, Luís da Cunha; RODRIGUES, Maria Manuel Marques (orgs.). **A Belle Époque Brasileira**. Lisboa: CLEPUL – Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

MONTEIRO, Evelyn Morgan. **A Revista: modernismo e identidade fluminense (1919-1923)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NOVAES, Gabriela Pontin. **Cidade dos Desejos: belle époque, lazer e imprensa em Piracicaba (1900-1914)**. 2010. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Curitiba, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **História & Modernismo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

OUTRAS FONTES

Recenseamento do Distrito Federal (1906)
População da cidade do Rio de Janeiro (Distrito Federal) de 1906 a 1912
Recenseamento do Distrito Federal (1920)

Revistas (Hemeroteca Digital):

Careta

Fon Fon

O Malho

O Tico-Tico

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

SUBÚRBIOS ILUSTRADOS: O MODERNO E A MODERNIDADE NOS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DAS REVISTAS ILUSTRADAS (1902-1922)

Vitor Guilherme Gonçalves Bispo de Almeida

Doutorando em História Social

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Social, São Gonçalo, Brasil

vitor.historia88@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2941-0284>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Mutupana, 22, 21921-050, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 09/10/2023

Aprovado em: 05/01/2024

